

Lacan e a aposta de Pascal

Maria Bernadette Soares de Sant'Ana Pitteri

"Pascal nunca pretendeu fazer a aposta se sustentar".
(Lacan)

A experiência da psicanálise se confronta com o efeito da perda, efeito simbólico inscrito no vazio produzido entre o corpo e seu gozo. Não por acaso, Lacan aborda a aposta de Pascal no *Seminário 16: de um Outro ao outro*¹, visto a relação entre o efeito da perda, o objeto perdido a que Lacan chama "a", e o lugar "Outro", sem o qual o objeto não se produz.

A "aposta de Pascal", do jansenista² Blaise Pascal, está descrita no aforismo 233 dos *Pensamentos*, volume elaborado a partir de anotações do filósofo e matemático que morreu antes de editá-las. A edição primeira foi produzida pelos filósofos/religiosos de Port Royal, seguindo (segundo eles) o roteiro dado por Pascal numa conferência particular. O texto a que Pascal chamou *Infinito. Nada* foi encontrado em seu bolso após sua morte, em um pedaço de papel dobrado em quatro.

Em "A Vida de Pascal", escrita por sua irmã, Mme. Périer, há um bilhete deixado por ele:

Amo a pobreza porque Jesus Cristo a amou. Amo os bens porque me dão a possibilidade de assistir os miseráveis. Mantenho-me fiel a todos. Não faço mal a quem me faz mal [...] Tento ser sempre sincero, verdadeiro e fiel com todos [...] e, embora seja forte perante os homens, estou atento, em todas as ações, ao julgamento de Deus, a quem as dediquei todas. [...] abençoo todos os dias meu Redentor [...] que, de um homem cheio de fraquezas, miséria, concupiscência, ambição e orgulho, fez um homem isento de todos esses males pela força de sua grandeza, à qual toda glória é devida e que não tem de mim senão miséria e erro. (Mme. Périer, *A vida de Pascal*)³.

Mme. Périer insiste em que Pascal era extremamente devoto, o que torna estranha a aposta. Ou não? Para um jansenista o problema da Graça se colocava agudamente, acreditando ser esta dispensada por Deus, a seu critério.

No pedaço de papel encontrado em seu bolso, Pascal faz uma analogia com o número (infinito que não se sabe se é par ou ímpar, pois acrescentado à unidade, ele não irá se alterar), concluindo que a existência de Deus pode ser conhecida pela fé, mas não a sua natureza, pois há no homem uma incapacidade em conhecer o que Deus é e até mesmo se ele existe. "Se há um Deus, ele é infinitamente incompreensível, pois não tendo partes nem limites, não tem nenhuma relação conosco"⁴.

Por não compreender Deus, Pascal propõe o dilema (aforismo 233 dos *Pensamentos*) conhecido como "aposta de Pascal", usando formato análogo ao dilema teorizado por Sócrates no momento de sua morte (Platão, *A defesa de Sócrates* ⁵), cercado por discípulos. A morte só pode ser uma entre duas coisas - ou o fim de tudo, ou o começo de uma nova vida, o que é indecidível, a menos que se morra. No entanto é possível, usando recursos retóricos, fazer a balança pender mais para um lado. Sócrates argumenta que, caso nada exista depois, será o fim de seus cansaços e dores, pois já está velho - o que vale também para aqueles que não se preocupam com o que virá depois da morte; se, ao contrário, existir vida após a morte, ela necessariamente será diferente para aqueles que viveram corretamente - nesse caso, Sócrates estará ao lado dos melhores. De qualquer modo, a morte será para ele um bem e não um mal. Nada que a razão possa decidir, as chances de ocorrer uma ou outra coisa são as mesmas, mas é possível introduzir algo que faça a diferença: o modo de viver. A propósito desse dilema, Nietzsche afirma que Sócrates odiava a vida e

parece que Pascal também, mas não vou desenvolver aqui esse raciocínio.

Há quem sustente que a aposta de Pascal seja uma falácia do tipo *argumentum ad baculum* (do latim: argumento do porrete), conhecido como *apelo à força*, argumento falacioso que usa a coerção para justificar a conclusão. No caso, o argumento usado na aposta forçaria a aceitação da existência de Deus, sob pena de ir para o inferno. Note-se que no aforismo 233 não há referência ao inferno, embora este apareça em outras ocasiões.

Lacan observa haver um efeito de fascinação exercido pela aposta, e afirma que as confusões podem ser dirimidas ao se perceber que aqui se trata do Nome-do-Pai, sob a forma de *Cruz ou Coroa*⁶. A escolha se refere à existência ou inexistência do Outro, ao que sua existência promete e sua inexistência permite: a aposta coloca algo que se refere ao real absoluto - trata-se do que não se pode saber se é, *nem o que é*. Infinito versus Finito, pois, segundo Pascal, "sabemos que há um Infinito. E ignoramos sua natureza. [...] Mas não sabemos o que ele é [...] Pode-se pois, reconhecer que há um Deus sem saber o que ele é"⁷.

Se entre o homem e Deus "há um caos Infinito que nos separa", sem poder recorrer à razão, possibilidade humana, para resolver a questão, resta a aposta, pois os humanos nada sabem sobre o que os leva a apostar. A probabilidade de ganho e de perda é a mesma, deduzindo-se que, se há tantas probabilidades de um lado como de outro, a certeza do que se arrisca é igual à incerteza do ganho. Vejamos as diferentes probabilidades:

- Deus existe (eu creio nele) - a) aposto em sua existência; b) aposto em sua não-existência.

- Deus não existe (não creio nele) - a) aposto em sua existência, mesmo não acreditando; b) aposto em sua não-existência.

A aposta é um jogo com duas possibilidades e, a cada uma, abrem-se outras duas. O imprevisto pode aparecer no caso de alguém que aposta *contra*, mesmo acreditando que 'Ele exista' e o que aposta *a favor* como se Ele existisse, mesmo acreditando no contrário.

O que se aposta é o finito, mas com a possibilidade de ganhar o infinito: perde-se de cara o finito pela possibilidade de ganhar o infinito. Para Pascal isso exclui a escolha entre *cruz ou coroa*, pois se o infinito está em jogo, é preciso dar tudo. Com duas possibilidades, *V* (verdadeiro) ou *F* (falso), o ganho será infinito e a perda nada, mas nada é, sim, alguma coisa. Os humanos finitos e extensos conhecem a existência e a natureza do finito e também conhecem a existência do infinito (referência aos números), mas ignoram sua natureza. O raciocínio usado por Pascal nesse ponto é semelhante ao empregado por Descartes na 2ª das *Meditações*⁸, ao tentar provar a existência de Deus: Descartes diz que o finito conhece o infinito, mas não sua natureza. No entanto, Descartes não aposta e sim, busca na prova da existência de Deus a garantia da existência humana.

Se o "finito se aniquila na presença do infinito e torna-se um puro nada", o que seria o *nada*? O *nada* é algo que pode ser posto na balança no momento da aposta, sendo que no campo do Outro há a promessa de *uma infinidade de vidas infinitamente felizes*⁹. Quanto mais vidas, maior o valor do que se aposta a partir do momento da escolha, cuja única possibilidade de perda é o *nada*.

Qual é o parceiro de Pascal? Deus não participa da aposta, o Outro não aposta, e desse paradoxo resulta que o valor apostado se confunde com a existência do parceiro: na aposta está, não o homem, mas o sujeito definido pela aposta, que é o nada. Pascal se dirige a um Outro sem rosto e não é preciso que ele tenha nenhum, Lacan o ressalta. Ele joga sozinho sobre a existência do Outro,

Infinito, pois sendo finito é só o que ele pode fazer para ter certeza da própria existência. Além do mais, o jogo deve ser jogado por cada qual em solidão, visto que o sujeito é constituído um por um.

A pergunta que fica é: *por que jogar?* "Não é coisa que dependa da Vontade, já estamos metidos nisso". Na realidade, o que está comprometido é o *Eu (Je)* - e estar vivo convoca ao jogo. O sujeito pensante percebe que só pode se reconhecer como efeito de linguagem, embora para pensar ele primeiro exista, aqui contrariando Descartes. Ao colocar-se no jogo, o sujeito, antes de ser pensante, é *a* e só *a posteriori* coloca-se a questão de que pensa por estar no jogo: ele não precisou pensar para ser fixado como *a*, o que ocorre antes do pensar.

Mas a escolha parece implicar em erro e Pascal pergunta se "o certo é não apostar". Mas não há escolha em relação à aposta, o desejo do homem é o desejo do Outro e sendo a escolha forçada, resta examinar o que menos interessa ao apostador, que não é livre, obrigado que está a apostar. Pascal afirma que, mesmo sem fé, ele deve se esforçar apostando todos os bens, pois o que há a perder? Fazendo como se tivesse fé, diminuiriam as paixões, grandes obstáculos: o indivíduo será fiel, honesto, humilde, reconhecido, bom, amigo sincero, verdadeiro, e assim já ganha nessa vida. Eis o que se arriscou ao apostar em algo certo, infinito, pelo qual nada deu a não ser o nada, que não é zero, pois aí não haveria aposta e nem jogo. Trata-se da constituição do sujeito, que se constitui no mesmo instante em que constitui o Outro.

Lacan afirma que é disso que se trata quando a questão é o mais-de-gozar. Essa é a escolha do neurótico, apostar no Outro para garantir que existe o outro. O objeto *a* é uma extração do *A*, ir do Outro ao outro é fazer parte deste Outro que, afinal, não existe, mas mesmo sendo parte do que não existe, garante minha existência. Mas como o Outro que

não existe garante a existência do outro que[...] também não existe? É importante observar que está em jogo o Real, o Real do corpo que, antes de pensar, já está aí. Afinal, Lacan não é Jean Baudrillard.

¹ LACAN, J. (2008[1968-1969]). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

² As proposições centrais do jansenismo foram declaradas heréticas por Inocêncio X em 1653. O holandês Cornélio Jansênio (1585-1638)- escreveu *Augustinus* (muito criticado e pouco lido), iniciando um movimento que abalou a Igreja católica nos séculos XVII e XVIII. Propondo o retorno à disciplina e à moral religiosa dos primórdios do cristianismo, os jansenistas dedicaram-se ao problema da graça, livre-arbítrio e pecado original, baseando-se em Santo Agostinho (354-430). Jansênio ensinou que o ser humano não merece a graça, mas esta é concedida por Deus através da predestinação, ideias não muito diferentes das de Calvino.

³ PASCAL, B. (1973[1670]). *Pascal*. São Paulo: Abril Cultural, p. 33.

⁴ Idem. Ibid, p. 99.

⁵ PLATÃO. (1991[Século III A. C.]). *Defesa de Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural.

⁶ Este era o modo como se dizia "cara ou coroa" na época de Pascal.

⁷ PASCAL, B. (1973[1670]). *Op. cit.*, p. 99.

⁸ DESCARTES, R. (1978[1641]). *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural.

⁹ Essa é a interpretação dada por Lacan ao manuscrito de Pascal.